

210
[Handwritten signature]

JUNTADA

nos dezesseis dias do mês de setembro
de mil novecentos e sessenta e sete
junto a êstes autos o documento (seis)

que se segue(m), a fls. sete
pelos Sr. Paulo Augusto
à Comissão Parlamentar de Inquérito sete

do que, para constar, lavro este termo. E, assim
Campana [Handwritten signature]

dupl.
911

Medidas para a reestruturação do S. de Proteção aos Índios

O diretor do Instituto de Pré-História, jornalista Paulo Duarte, enviou representação ao presidente da República, em que sugere a organização de uma comissão especializada para elaborar o anteprojeto de reestruturação do Serviço de Proteção aos Índios.

A reforma, que está sendo estudada pelo governo federal, deve ser orientada — afirma o jornalista — não só pelos próprios representantes do SPI, mas também por "elementos universitários e cientistas eminentes".

A REPRESENTAÇÃO

A representação enviada ao presidente da República foi a seguinte:

"O Instituto de Pré-História de São Paulo acaba de tomar conhecimento, pela imprensa, de um projeto de reorganização do Serviço de Proteção aos Índios, elaborado pelo seu atual diretor.

Como não ignora v. exa. aquele Serviço foi instituído graças aos esforços generosos de Candido Mariano da Silva Rondon, com o objetivo de dar assistência e proteção aos silvícolas que vivem em território brasileiro. Entretanto, nos últimos anos, verificou-se um verdadeiro colapso dessa assistência e proteção, ao ponto de, neste momento, segundo declarações do seu diretor, o coronel Moacir Ribeiro Coelho, estar o SPI funcionando nas mais precárias condições, contando apenas com um museologista e um técnico de educação, sendo que todos os seus serviços, mesmo os de indicação e tratamento médico, estão sendo feitos por funcionários não especializados! Disse mais o sr. diretor do Serviço de Proteção aos Índios que possui este 743 funcionários que não bastam para atender aos 50 mil índios relacionados no País, estimando-se em 300 mil o número de silvícolas, inclusive os que "ainda não foram civilizados" (sic) e com os quais ainda não foi possível manter contatos. Finalmente, acrescentou ainda aquele alto funcionário em suas declarações à imprensa que "o principal problema dos índios é o da preservação das suas terras, que são tomadas por aventureiros, com escrituras falsas e o da escravidão ainda praticada no interior do País".

Estas gravíssimas revelações foram feitas, pela primeira vez, por uma alta autoridade federal. Mas os fatos nelas denunciados são do conhecimento do País, inclusive o massacre em massa de índios, assaltados em suas malocas por esses ladrões de terra e gado, frequentemente protegidos por partidos políticos poderosos que garantem a impunidade a tais sordidos criminosos.

Não é a primeira vez em que o Instituto de Pré-História de S. Paulo se manifesta contra a prova de selvageria e barbárie que o Brasil vem reiterando com uma vergonhosa indiferença diante desses atentados cometidos contra os nossos índios que são, no entanto, curatelados do Estado.

Há pouco tempo enviou o Instituto uma longa representação ao então presidente do Conselho, na qual demonstrava a importância social, científica e humana da assistência aos índios e lembrava o dever do Governo da República para com eles. Permita v. exa. que se relembrem algumas das razões que levaram um centro de pesquisas científicas, intimamente ligado à Sociologia e à Etnologia, a dirigir-se àquela alta autoridade executiva, no momento em que se anunciava a disposição do Exército Nacional em treinar índios para guerrilhas de sertão.

Realmente, os nossos índios são talvez os derradeiros primitivos mais puros que restam no mundo. A última conflagração mundial, as agitações sociais e políticas poluíram, sociologicamente falando, os últimos núcleos da Ásia, da África e da Oceania.

Ora, sabe a Ciência hoje em dia que a mentalidade primitiva não se mede pelos mesmos padrões da mentalidade do civilizado. Ao dizer isto ao senhor Primeiro-Ministro em 1961 pormenorizamos esse aspecto curioso da sociologia pri-

mitiva. Desde Anchieta vimos verificando no Brasil que não é possível fazer de um índio adulto um civilizado. Porque, se a sua mentalidade não se acha separada por um fosso profundo da mentalidade do civilizado, como julgara de início o ilustre sociólogo Levy-Bruhl, não se pode também alcançá-la com a ingenua facilidade com que julga a maioria dos missionários, dos orientadores do Serviço de Proteção aos Índios, certamente armados de espírito de sacrifício e boas intenções, mas completamente desprovidos do preparo científico que exigem missões dessa complexidade.

Há séculos que os catequizadores trabalham e até hoje não se provou documentalmente a existência de um só cristão verdadeiro com material adulto arrancado a um grupo primitivo. Embora contárie esta afirmativa o dizer suspeito de missionários piedosos, sustenta-se o fato real da documentação colhida por observadores dotados de verdadeiro espírito científico que estudaram a questão difícil, desde Spencer e Gillen, passando-se por Durkheim, Frazer, Mauss, Allier, Lenhardt, até a esplêndida obra de um notável religioso que é o padre Henri Junod.

Tivemos oportunidade de ilustrar então com o exemplo dos nativos da ilha de Pascoa, sociedade primitiva em plena desagregação que, depois de anos de esforços pacientes e contínuos de um sacerdote e de um governador militar abnegado, continua cada vez mais alheia a uma idéia de Pátria ou de um Deus criador de todas as coisas, embora assista à missa dominical, comungue e tenha aprendido até a cantar o hino nacional do Chile, país a que pertence aquela ilha. Lembramos ainda aquele famoso trecho da Crônica da Companhia de Jesus do padre Simão de Vasconcelos, no qual relata o caso de uma índia gravemente enferma que, depois de catequizada, tendo dado todas as demonstrações de haver-se imbuído da doutrina cristã ministrada pelos jesuítas, declarava que só uma coisa lhe podia abrir o fastio: "A mãozinha de um rapaz tapuia de pouca idade, tenrinha. Chupar aqueles ossinhos, então me parece tomar algum alento; porém eu, coitada de mim, não tenho quem me vá flechar um destes".

E Raoul Allier, sem a ingenuidade do cronista, conta um caso mais profundo ainda: uma negra selvagem cujo filho fora entregue aos missionários, os quais batizaram a criança e educavam-na cristãmente. Um dia, esse menino morre. A mãe veio 22 horas depois à sede da missão declarar que queria tornar-se também cristã. Houve um preparo longo antes de ser-lhe concedido o batismo. Só depois de todas as provas de compreensão, todas as manifestações da sua fidelidade à doutrina, recebeu ela o sacramento, meses depois. No mesmo dia em que fora batizada, essa selvagem suicidou! Na sua mentalidade primitiva, totemica, via ela que o filho, uma vez batizado pelos padres, passara para grupo social diferente do seu. Morto o filho, para que ela pudesse encontrá-lo do lado de lá, era preciso que também ela fizesse parte do mesmo clã que o filho. Daí o afã, a ansia com que se dedicou, para passar de um a outro grupo, e, uma vez conseguido isso, como o intuito primitivo era juntar-se ao filho, matou-se, certa de encontrá-lo, imediatamente, da outra banda da vida.

São bellissimas lições estes casos narrados um por Simão de Vasconcelos e outro pelo grande sociólogo que é Raoul Allier em seu livro "Le non civilisé et nous" mas pouco proveito de lições dessa classe têm trazido aos nossos psicólogos indígenas. Do contrário já se teria compreendido no Brasil que a pequena reserva de primitivos que ainda possuímos constitui um material intocável, precioso para pesquisas. Talvez o mais precioso do mundo, porque os primitivos oceanicos, australianos e africanos, se acham já, como disse, demasiadamente

poluídos socialmente pelas últimas guerras, pelas agitações sociais e políticas, pelos brancos colonizadores que escreveram uma das mais hediondas páginas da história humana, entre os séculos XVI e XIX, que é a formação dos imperios coloniais europeus, cuja arma mais convincente foram a crueldade e a brutalidade. Algumas populações neolíticas inteiras foram dizimadas pela espada e pelo rifle do caçador branco, como aconteceu no México, e no Peru e, mais recentemente, na Austrália.

Desde o início da sua admirável missão, Rondon compreendeu isso e não poucas vezes protestou com energia contra a intromissão de estranhos na vida dos índios, inclusive missionários religiosos. Há mesmo sobre tal uma carta eloquente por ele dirigida ao então deputado Maurício de Lacerda.

Nós também, desde há anos vimos protestando contra tantos atentados e explorações feitos em torno dos nossos selvagens, que deveriam ser deixados à vontade em reservas especiais, nas quais existissem os serviços de assistência de que pudessem carregar, a cargo de gente especializada, sociólogos e médicos, como acontece nos países cultos ou educados, como Estados Unidos, Canadá e outros. Ai poderiam eles viver a sua vida primitiva com o respeito a que têm direito como seres humanos e ainda como elementos que são utilíssimos à pesquisa, no campo da sociologia.

Não é mais permitido ignorar-se a importância das populações primitivas para as pesquisas sociológicas. Os países civilizados mantêm uma política severa no sentido de defendê-las desse contacto, deletério e não apenas do ponto de vista moral e cultural, mas também do ponto de vista humano. O ilustre etnólogo Herbert Baldus contou-nos o caso triste do desaparecimento de uma tribo inteira devido à presença de um branco que teve contacto com ela quando gripado. Inconscientemente, esse branco determinou a morte de quase todo o povoado, contagiando-o em menos de uma semana desse vírus do qual o branco se defendeu bem, mas altamente letal para o índio. Do ponto de vista sociológico, poucos sabem o que representam as populações primitivas, hoje principalmente as do Brasil. As investigações sobre sociologia primitiva, sobre linguística, sobre etnologia tanto mais importantes são quanto mais isoladas se conservam as tribos de qualquer inutil contacto com leigos e com curiosos apenas, principalmente leigos tão perniciosos quanto esses que mais as procuram.

Estes pontos é que não têm sido compreendidos nem pelos missionários que se têm aproximado dos índios na tentativa inútil de torná-los cristãos nem pelo Serviço de Proteção aos Índios no objetivo também impossível de fazer deles patriotas ou cidadãos conscientes dos seus deveres, coisas que não pode atingir a sua mentalidade primitiva.

As mesmas razões, Senhor Presidente, levam agora o Instituto de Pré-História a dirigir-se a v. exa. ao ler a notícia da disposição em que se acha o governo em reformar o Serviço Federal destinado a dar assistência e proteção aos primitivos brasileiros.

Para isso, entretanto, queria chamar a atenção de v. exa. sobre um fato de altíssima importância social e humana. Desde a sua fundação até hoje, o Serviço de Proteção aos Índios vem sendo dirigido por militares. Muito adequada essa situação no início desse serviço de assistência, quando praticamente apenas a Comissão Rondon estava em condições de levar a cabo a importante missão pelo conhecimento direto do sertão e da vida dos selvagens que o habitavam e o habitam ainda. Hoje, porém, tudo mudou. O próprio conceito de primitivo está estabelecido cientificamente e os países cultos onde

existe o problema estabeleceram já, firmados numa longa e ininterrupta experiência, princípios completamente diferentes com relação às populações primitivas que vivem nas selvas. Só até nós não chegou ainda notícia desses métodos novos e cientificamente estabelecidos. A assistência aos índios deve estar entregue hoje a um organismo altamente especializado, ao qual deve presidir uma orientação sociológica cientificamente estabelecida e com a colaboração de numerosos serviços públicos outros, inclusive do próprio Exército e da Aeronáutica, quanto se trate de dar garantias necessárias aos silvícolas ameaçados ou agredidos por bandos malfetores que infestam ainda o sertão brasileiro, despoliciado e deseducado. Uma reforma planejada por militares ou apenas pelos funcionários do Serviço de Proteção aos Índios não estará em condições de solucionar o importante problema, por maior boa vontade que tenham tais funcionários e militares. Falta aí a colaboração do sociólogo, do etnólogo, do antropólogo, do higienista, do agrônomo e tantos outros elementos indispensáveis a que se faça obra constitutiva e possa produzir os efeitos que se impõem, principalmente neste momento em que os nossos índios, apesar da existência de uma repartição especializada com quase mil funcionários, são tratados como animais ferozes, caçados por hordas que, pela sua malformação, nada respeitam nem podem mesmo respeitar.

Eis pois a razão de mais este apelo para o mais alto magistrado do País. Quer o Instituto de Pré-História de São Paulo solicitar a v. exa. a organização de uma comissão especializada, da qual façam parte não só os mais competentes representantes do Serviço de Proteção aos Índios senão também elementos universitários e cientistas eminentes, enfim, gente capaz de elaborar um anteprojeto, sem nenhuma suntuosidade, mas contendo, em base científica, o mínimo necessário a atender à assistência e à defesa dos nossos abandonados silvícolas expostos à sanha de bandoleiros e à agressividade do sertão tropical. Cessando ao mesmo tempo a situação deprimente e vexatória para todo o País, a demonstrar a sua incapacidade de resolver um problema no qual se comprometem todos os princípios da solidariedade e da dignidade humanas que, ao que parece, até agora não existiam com relação aos milhares de curatelados do Estado, ao abandono e à mercê dos assassinos e ladrões.

Certo de que v. exa. compreenderá o sentido deste apelo, destituído de qualquer interesse político ou pessoal, ditado exclusivamente pelos interesses científicos e humanos que também a nós nos cabe preservar, o Instituto de Pré-História aproveita a oportunidade para apresentar a v. exa. os protestos da sua respeitosa consideração, Paulo Duarte, diretor.